



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8973 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

ENCONTRO, CINESCRITA E UMA DOCÊNCIA EM DESORDEM: DESAFIOS
PANDÊMICOS EM CINEMA E EDUCAÇÃO

Cíntia Langie - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

ENCONTRO, CINESCRITA E UMA DOCÊNCIA EM DESORDEM: DESAFIOS PANDÊMICOS EM CINEMA E EDUCAÇÃO

Resumo:

Esta pesquisa, com foco no ensino de Cinema, busca olhar para as novas possibilidades e os novos modos de existência que se inauguram com a imposição do modelo remoto em universidades públicas. A questão de pesquisa é: que outros encontros são possíveis no ensino de Cinema com a imposição do distanciamento social? Os dois conceitos centrais a serem explorados são **cinescrita**, baseada na forma de criar da cineasta Agnès Varda, e **encontro**, a partir de uma perspectiva deleuziana. Como resultados parciais, criamos as pistas que irão sustentar a futura invenção de cenas de roteiro sobre uma docência em desordem. A proposta é, portanto, colocar em prática uma cinescrita em forma de roteiro audiovisual, em vias de criar cenas da vida docente pandêmica, na tentativa de imaginar outros encontros possíveis nesse novo tempo de distanciamento social.

Palavras-chave: Docência, Cinema, Pandemia, Encontro, Cinescrita.

O presente resumo apresenta as bases de uma pesquisa em movimento, apesar de aprisionada nos limites da casa. A ideia é reunir dois conceitos-chave trabalhados na tese de doutorado da autora[1], defendida em 2020, agora com interesse no momento pandêmico que viemos atravessando. Com foco no ensino de cinema, buscaremos olhar para as novas possibilidades e os novos modos de existência que se inauguram com a imposição do ensino remoto em universidades públicas. Os dois conceitos centrais a serem explorados, com o viés

da atualidade, são: **cinescrita**, baseada na forma de criar da cineasta Agnès Varda, e **encontro**, a partir de uma perspectiva deleuziana.

A premissa do estudo centra-se no desconforto que professoras e professores vêm atravessando na pandemia: como mudar do ensino presencial para o ensino *online*? Como seguir dando aulas e, ao mesmo tempo, conviver com os desafios da clausura, com a presença tensa do vírus e do fascismo no poder? Somente tal condição já bastaria para nascer o que aqui chamaremos de docência em desordem, porém, o que singulariza a presente pesquisa é um traço ainda mais notável de transformação: não se trata de uma docência antes e depois da pandemia da Covid-19, trata-se de uma docência antes dos quatro anos de afastamento para um doutorado sobre encontro e estar-junto, para uma volta deslocada à docência em crise com a impossibilidade da sala de aula.

Explicamos melhor: depois de quatro anos investigando presencialmente, com uma pesquisa de campo carotográfica em oito diferentes estados do país, as salas de cinema localizadas em universidades públicas, retornamos à docência em 2020. Porém, uma semana após o recomeço das aulas na universidade instaura-se o caos e a impossibilidade de seguir com o ensino presencial. Voltar à docência, depois de quatro anos pesquisando cinema e educação, e, de repente: pandemia. Como dar aulas sem o *encontro*, tal qual havíamos tanto pesquisado?

A pandemia nos tira o contato, a presença, nos tira a sala de aula, a sala de cinema e nos enclausura na sala de casa e na tela do computador: que podemos fazer? Nesse estado de desordem completa, seguimos, e nos esforçamos por existir enquanto docentes de arte, nos refazer. Esta pesquisa busca elencar algumas pistas para, quem sabe, compreender melhor a atual condição docente, e tal desafio aqui apenas se inicia, já que tal desordem parece perdurar, como o vírus, que ameaça ir embora, mas fica. Trata-se de uma pesquisa *lockdown*: trancada em casa; uma pesquisa processo: que se faz em meio ao caos e à experiência. Uma pesquisa que busca olhar para algumas peculiaridades desse atual momento, como: o gesto dos estudantes de não ligarem suas câmeras; o fato de não poder ministrar e incorporar todo o conteúdo; a dificuldade em nem sempre ter a participação deles nas dinâmicas e discussões; dificuldades de concentração; interferências da casa, entre outros. Como contornar os desafios? Como buscar, no próprio cinema e na ideia de encontro, alguma saída? É, dessa forma, uma pesquisa *work in progress*, com resultados parciais.

Dito isto, nossa proposta consiste em colocar em prática uma **cinescrita** em forma de roteiro audiovisual, em vias de criar cenas da vida docente pandêmica, na tentativa de imaginar outros **encontros** possíveis nesse novo tempo de distanciamento social. Tem-se, desse modo, como questão de pesquisa: que outros encontros são possíveis na imposição do distanciamento social no ensino de arte, especificamente nas aulas *online* de Cinema? Além dessa, a pesquisa apresenta outras perguntas em constelação, ou questões secundárias, tais como: será que isso ainda é ensino? Será que os estudantes estão ainda ali? Será que vou cair? Será que ainda há sopro de potência? Será que vai dar certo? Será que pode nascer algo novo?

A proposta é traçar as bases teóricas para dar origem a uma invenção de cenas de roteiro sobre acontecimentos do ensino remoto de Cinema durante a pandemia da Covid-19. Para isso, torna-se antes necessário dissertar brevemente sobre o método da **cinescrita** e sobre o conceito de **encontro**. Em *Os catadores e eu* (2000), Agnès Varda incorpora uma espécie de cartógrafa-cineasta. Delimita uma temática e sai pelo mundo em busca de encontros nos mais variados locais, com pessoas dos mais diferentes tipos. Nesse deslocar-se, vasculha o que está fora de si. Ela assume um gesto de olhar, reparar, mover-se em direção, agachar-se para recolher coisas. Agnès também é uma catadora, não de restos e comida como seus personagens, mas de imagens e pensamentos. E na medida em que vai recolhendo coisas no

processo, vai tramando outras relações, novas costuras. Ela vê, vasculha, devora o mundo e cria: é esse o movimento que nos inspira na pesquisa em cinema e educação.

Agnès Varda se autodenomina uma cinescritora. Para ela, sua câmera capta palavras que surgem ao mesmo tempo em que as imagens traçam sobre a película impactos de sua experiência com o mundo. Agnès escreve imagens e compõe uma escrita cheia de enigmas, em que o cinema é concebido como texto, como narrativa que traça suas próprias impressões (KIERNIEW; MOSCHEN, 2017, p. 51).

Agnès compreende o cinema como escrita, como ensaio, como forma singular de pensar o mundo, buscando seguir o fluxo da intuição. Coloca seu corpo à espreita, desejando afetar e ser afetada, dando generosa atenção às intensidades que estão ao seu redor. Na cinescrita também há uma zona de indeterminação entre invenção e campo social, Agnès assume o cinema como fabulação e vê no ato de filmar um quê de despojamento, pois desfaz certezas. Filmar, assim, seria um ato investigativo, mas sem tanto controle, sem tentar vigiar o objeto, mas estipular um jogo com ele a partir de um dispositivo inventado, uma relação de troca, uma mirada generosa, um toque de simplicidade. Com inspiração em tudo isso, encontra-se a chave para a experimentação, e para colocar em prática uma maneira singular de cinescrita que possa dar conta dos desafios pandêmicos em cinema e educação.

Tal maneira de pesquisar convida a um gesto de criação que flerta com o cinema: através do advento de cenas em formato de roteiro audiovisual; através da criação de personagens que ajudam a fazer ver o que a pesquisa busca destacar. Na tese, buscamos dar conta da multiplicidade de salas de cinema espalhadas pelas universidades públicas do Brasil, a partir de cenas e da fabulação de personagens, costurando um olhar cinematográfico a leituras da literatura e da filosofia, meio conto, meio cena. *Sem ser ainda quase sendo roteiro*, num entre-lugar: entre a literatura e o cinema.

Agora, dando seguimento ao processo investigativo e ao método de cinescrever em meio ao cinema e à educação, buscamos olhar para outros processos: a docência em desordem na pandemia. E a grande diferença se dá na escolha de escrever no formato de roteiro, e não na mescla com a literatura como na tese. O objetivo é amarrar ideias e criar cenas na formatação oficial de roteiro audiovisual. Como encarar a desordem? Pela criação, numa aposta na afirmação da vida, da potência de criação que pode surgir, também, a partir de uma *necessidade*, como ensina Gilles Deleuze.

Em *O ato de criação* - palestra proferida em 1987 para alunos de Cinema -, Deleuze dialoga sobre o que seria *ter uma ideia em cinema*. Para o filósofo, ter uma ideia é algo raro, uma espécie de festa. Além disso, é preciso que um cineasta tenha uma necessidade, caso contrário, ele não tem nada. “Um criador não é um ser que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade” (DELEUZE, 1987, p. 03). E essa necessidade faz com que cada artista saiba do que quer se ocupar. O que queremos, portanto, nos ocupar, a partir da criação de cenas de roteiro, é dos desafios pandêmicos em cinema e educação. O que irá costurar as futuras cenas é a noção de *encontro* e a questão central da pesquisa: que encontros são possíveis no novo modelo remoto?

“Não acredito na cultura; acredito, de certo modo, em encontros”, revela Deleuze, em entrevista para Claire Parnet, no *Abecedário* (1997). Para o filósofo, o *encontro* convoca um estado animal de estar à espreita, isto é, manter-se aberto para ser afetado. É algo que tira o indivíduo do tempo cronológico, empurra-o para fora da maneira como vê e sente a realidade. Encontro que se produz naqueles golpes de subjetivação, um acontecimento que dá

matéria para o pensamento. Dizendo de outro modo, quando somos flagrados por algo que não esperávamos, por algo que não se encaixa na nossa percepção usual, somos surpreendidos e aí ocorre o *encontro*, na perspectiva filosófica de Deleuze. E como isso vem ocorrendo na clausura? Isso é possível de ocorrer no isolamento e no ensino remoto de Cinema?

Gostaríamos, também, de recorrer aos escritos de Suely Rolnik sobre *saber do corpo*: um saber intensivo, distinto do conhecimento, algo mais próximo da intuição, que tem ligação com a nossa condição de corpo vivo. Ver um filme juntos, no mesmo espaço, pressupõe *estar* com o corpo ali presente, outros corpos vibrando ao redor. *Corpo vibrátil*, como diz a autora, ao elucidar a capacidade da sensação, uma forma de estar presente no presente, atento aos afetos que pedem passagem. Nesse estado, “o outro é uma presença que se integra à nossa textura sensível, tornando-se, assim, parte de nós mesmos” (ROLNIK, 2014, p. 12). Corpo político, na abertura ao acaso da experiência, encharcado de sensações, que se deixa afetar e, por isso, afeta. Como tem se manifestado esse saber do corpo na pandemia? Como ministrar aulas sem o advento do encontro do corpo com o corpo, sem poder dividir com a turma o mesmo espaço físico?

São todas essas múltiplas questões que pretendemos tocar. Não ousar responder, mas fazer reverberar, criar uma cinescrita a partir de todas essas incertezas, mergulhar no caos e na desordem para trazer à tona cenas de roteiro. Todas as pistas para criar a cinescrita advêm da experiência, não apenas nossa, mas de outras professoras e professores com quem trocamos, pois, as trocas parecem ser ainda uma forma de existência, mesmo no isolamento: tecer múltiplas redes de compartilhamento de afetos e campos políticos. Até aqui, temos as pistas: a lista de situações que queremos colorir em forma de roteiro. De cada pista dos novos possíveis modos de encontro, uma pergunta, que ajudará a delinear a confecção das cenas. As pistas são:

Encontro simplificado: menos conteúdo, mais jogo de cintura. Será que isso ainda é ensino?

Encontro despotencializado: aula *online*, câmeras desligadas, alunos multi-tarefas, esvaziamento da concentração e da experiência. Será que eles ainda estão ali?

Encontro interrompido: Alguém bateu na porta. A criança entrou na peça. O gato pulou no teclado. A internet falhou. Será que vou cair?

Encontro atravessamento: Encontro com referências potentes: o feminismo como âncora. Tecer um repertório emancipado para compartilhar. Será que ainda há sopro de potência?

Encontro ilha: Uma pasta no drive para abrigar exercícios em escala. Táticas para manter o engajamento dos estudantes. Será que vai dar certo?

Encontro reverberação: do roteiro que a professora começa a escrever junto dos alunos. Será que pode nascer algo novo?

A partir destas seis pistas, buscaremos desenvolver seis cenas em formato de roteiro, em vias de colocar em prática uma cinescrita singular, a partir de uma necessidade de inventar materialidades com aquilo que vem nos atravessando enquanto docentes na atualidade. Também para buscar exorcizar a crise e a desordem através do gesto da criação e, assim, compartilhar com o mundo, de forma fabulatória e artística, cenas de um momento já inesquecível para o campo do cinema e da educação.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**. Tradução: José Marcos Macedo. In. Folha de São Paulo, 27/06/1999. Transcrição de conferência realizada em 1987.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **L' Abécédaire de Gilles Deleuze**. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001. Paris: Editions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, son., color.

KIERNIEW, Jannini Gautério; MOSCHEN, Simone Zanon. Cinema e literatura: a cinescrita de Agnès Varda. In: **Revista Estação Literária**. Londrina, v. 19, p. 49-60, set. 2017.

A AUTORA. **Cinescrita das salas universitárias de cinema no Brasil**. Tese de doutorado. Pelotas, PPGE UFPel, 2020. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1WMx1Uv1J5F_ShzdHdJEIZ_xlzb4eT55k?usp=sharing.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

[1] A tese de doutorado da autora, defendida em junho de 2020, aborda a experiência coletiva de fruição do cinema brasileiro em salas de cinema localizadas em universidades públicas.